



O suspiro do planeta



“Cada ser vivo que partilha o planeta conosco teve de se adaptar e evoluir ao longo de milhões de anos. Cada flor, cada insecto, cada animal é um milagre aguardando a sua descoberta, uma maravilha a ser respeitada e amada”, poetizava Frédéric Back sobre o seu filme de animação “Illusion” (1975).

Eis-nos num compasso de incerteza. Momento delicado. Se assemelha a água que em concha tentamos manter segura, mas nos escapa pelos intervalos dos dedos, com o ritmo ansioso a que nos palpita o coração em desatino. E palpita. E palpita... E entre palpitações se ouve o cantarolar dos pássaros pela alvarada. Terá este inimigo silencioso varrido as ruas de presença humana e oferecido caminho de esperança a cada pequeno ser que de si não conhece sintomas?

Vejo uma águia cortar o céu. Permito-me escutar os venturosos murmúrios das árvores. Respiro golos de serenidade. Não se vivem tempos tranquilos, mas encontro paz nos pequenos grandes tesouros que desenham este planeta. Planeta por nós esfaqueado que nem succulenta melancia. “Agir já”, nos apelam belas imagens em movimento da produtora portuguesa Praça Filmes. Os suspiros do mundo natural se engrandecem em furacões enraivecidos, o seu pranto inflamado eleva o nível de mares acidificados. Imploramos

clemência, ó inebriados de inocência, por um mundo livre de nossos engodos. Descansa agora de nós, meu pai, minha mãe, porque nos tempos que se avizinham viveremos cativos de caminhos por nós traçados.

Poderemos encontrar, enfim, a harmonia? Descubro possível resposta em “Tout rien” (1978) de Frédéric Back. Venho ainda a acreditar, neste jovem coração esperançoso, num mundo regado a melodias de ecossistemas em íntima compreensão. Como o homem que plantava árvores, de generosidade sem limites, na quietude do nada e sem ego pretensioso. Descrevia-o Jean Giono em seus escritos, esse homem que todas as mulheres e homens poderiam ser. Brindava-o com nova vida Frédéric Back, para que não esqueçamos o que ainda podemos ser. A animação tem destas coisas. Com seu ilustre toque de fantasia nos faz olhar a vida de outras formas. Back observava o mundo. Seu amor se expandia no gesto de lápis coloridos a dançar em milhentas folhas de acetato fosco. Sua mensagem é translúcida que nem calmo lago de água doce: estimemos o planeta em que caminhamos e os seres que a nosso lado caminham.

(2020-04-25)

* Imagem do filme “O Homem que Plantava Árvores” (1987) de Frédéric Back